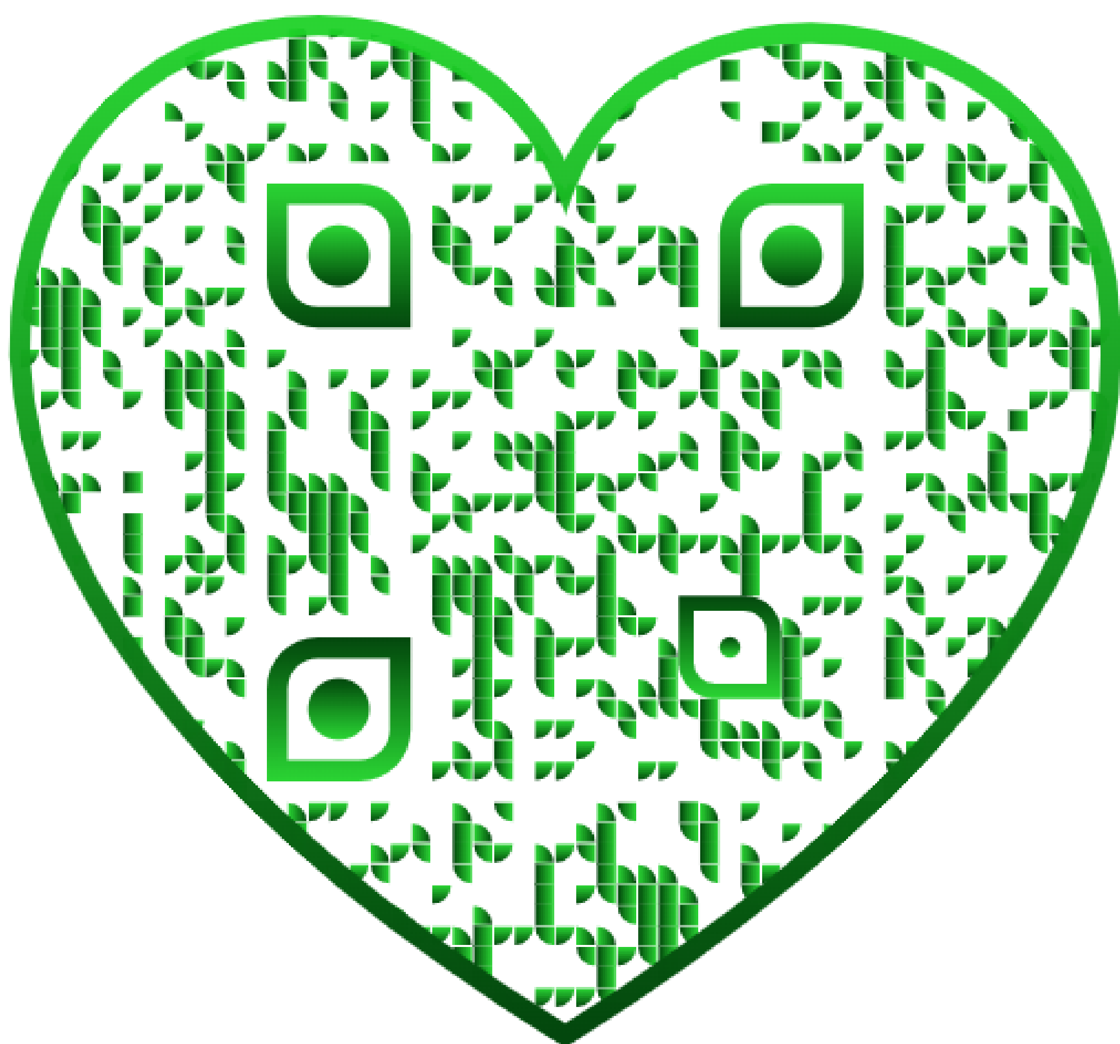
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
FAZENDEIRO DO AR

POSFÁCIO
Silviano Santiago

COMPANHIA DAS LETRAS



Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
warrakloureiro
sobre *O casal*, de Ismael Nery, s/d,
guache sobre cartão negro, 23 x 15 cm. Coleção particular.
Reprodução: Renato Parada.
PESQUISA ICONOGRÁFICA
Regina Souza Vieira
ESTABELECIMENTO DE TEXTO E REVISÃO FINAL
Antonio Carlos Secchin
PREPARAÇÃO
Léo Rubens
REVISÃO
Jane Pessoa
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.
Fazendeiro do ar/ Carlos Drummond de Andrade; posfácio Silviano Santiago. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2203-5

1. Poesia brasileira I. Santiago, Silviano. II. Título.

12-13397 CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:
1. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2012]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

9 Habilitação para a noite
11 No exemplar de um velho livro
13 Brinde no banquete das musas
15 Domicílio
17 O quarto em desordem
19 Retorno
21 Conclusão
23 A distribuição do tempo
25 Viagem de Américo Facó
27 Circulação do poeta
29 Conhecimento de Jorge de Lima
31 O enterrado vivo
33 Cemitérios
33 I — Gabriel Soares
34 II — Campo-Maior
35 III — Doméstico
36 IV — De bolso
37 V — Errante
39 Morte de Neco Andrade
41 Estrambote melancólico
43 Eterno
45 Escada
47 Elegia
51 Canto órfico
55 A Luis Mauricio, infante

59 Posfácio
A mosca deglute a aranha,
SILVIANO SANTIAGO

69 Leituras recomendadas
71 Cronologia
77 Crédito das imagens
79 Índice de primeiros versos

FAZENDEIRO DO AR

HABILITAÇÃO PARA A NOITE

Vai-me a vista assim baixando
ou a terra perde o lume?
Dos cem prismas de uma joia,
quantos há que não presumo.

Entre perfumes rastreio
esse bafo de cozinha.
Outra noite vem descendo
com seu bico de rapina.

E não quero ser dobrado
nem por astros nem por deuses,
polícia estrita do nada.

Quero de mim a sentença
como, até o fim, o desgaste
de suportar o meu rosto.

NO EXEMPLAR DE UM VELHO LIVRO

Neste brejo das almas
o que havia de inquieto
por sob as águas calmas!

Era um susto secreto,
eram furtivas palmas
batendo, louco inseto,

era um desejo obscuro
de modelar o vento,
eram setas no muro

e um grave sentimento
que hoje, varão maduro,
não punge, e me atormento.

BRINDE NO BANQUETE DAS MUSAS

Poesia, marulho e náusea,
poesia, canção suicida,
poesia, que recomeças
de outro mundo, noutra vida.

Deixaste-nos mais famintos,
poesia, comida estranha,
se nenhum pão te equivale:
a mosca deglute a aranha.

Poesia, sobre os princípios
e os vagos dons do universo:
em teu regaço incestuoso,
o belo câncer do verso.

Azul, em chama, o telúrio
reintegra a essência do poeta,
e o que é perdido se salva...
Poesia, morte secreta.

DOMICÍLIO

... O apartamento abria
janelas para o mundo. Crianças vinham
colher na maresia essas notícias
da vida por viver ou da inconsciente

saudade de nós mesmos. A pobreza
da terra era maior entre os metais
que a rua misturava a feios corpos,
duvidosos, na pressa. E do terraço

em solitude os ecos refluíam
e cada exílio em muitos se tornava
e outra cidade fora da cidade

na garra de um anzol ia subindo,
adunca pescaria, mal difuso,
problema de existir, amor sem uso.

O QUARTO EM DESORDEM

Na curva perigosa dos cinquenta
derrapei neste amor. Que dor! que pétala
sensível e secreta me atormenta
e me provoca à síntese da flor

que não se sabe como é feita: amor,
na quinta-essência da palavra, e mudo
de natural silêncio já não cabe
em tanto gesto de colher e amar

a nuvem que de ambígua se dilui
nesse objeto mais vago do que nuvem
e mais defeso, corpo! corpo, corpo,

verdade tão final, sede tão vária,
e esse cavalo solto pela cama,
a passear o peito de quem ama.

A DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO

Um minuto, um minuto de esperança,
e depois tudo acaba. E toda crença
em ossos já se esvai. Só resta a mansa
decisão entre morte e indiferença.

Um minuto, não mais, que o tempo cansa,
e sofisma de amor não há que vença
este espinho, esta agulha, fina lança
a nos escavacar na praia imensa.

Mais um minuto só, e chega tarde.
Mais um pouco de ti, que não te dobras,
e que eu me empurre a mim, que sou covarde.

Um minuto, e acabou. Relógio solto,
indistinta visão em céu revolto,
um minuto me baste, e a minhas obras.